

Os nós da sala de aula

The knots in the classroom

Los nudos del aula

Silvia Sell Duarte Pillotto - Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE | Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Educação | Joinville | SC | Brasil. E-mail: pillotto0@gmail.com | 

Antonio Marcio do Amaral - Universidade da Região de Joinville - UNIVILLE | Mestrando em Educação pela Universidade da Região de Joinville | Joinville | SC | Brasil. E-mail: sfc_marcio@hotmail.com | 

Ernesto Jacob Keim - Universidade Federal do Paraná – UFPR | Centro de Estudos do Mar CEM | Pontal do Paraná | PR | Brasil. E-mail: ernestojacobk@gmail.com | 

Resumo: O presente artigo - *Os nós da sala de aula* - reflete sobre as prerrogativas de uma educação aberta à sensibilidade e do encontro entre os sujeitos no ambiente educacional. Por meio da abordagem (auto)biografia, é possível divagar pelas temporalidades do fazer docente/discente, abrindo-se aos lugares narrados e à percepção da não-linearidade experiencial, evidenciadas em sujeitos que aprendem juntos. Revisitar espaços-tempos educativos como lugares de encontros guia-nos à multiplicidade interpretativa e experiencial da sala de aula. A partir de uma apuração teórica e criteriosa, as ideias traçadas detiveram-se à reflexão de uma realidade que se abre infindável entre o racional e o sensível. Desse modo, urge a imagem de uma sala de aula não resumível à mensuração do mundo em racionalidades solitárias, mas aberta à totalidade que nada exclui, em aprendizagens por vias de completude/(in)completude como movimento de busca de nós e do outro.

Palavras-chave: educação; experiência sensível; sala de aula.

Abstract: The present article - *The knots in the classroom* reflects on the prerogatives of an education open to sensitivity and the encounter between subjects in the educational environment. Through the (auto) biography approach, it is possible to wander through the temporalities of teaching / student doing, opening up to the narrated places and the perception of experiential non-linearity, evidenced in subjects who learn together. Revisiting educational space-times o meeting places guides us to the interpretive and experiential multiplicity of the classroom. From a theoretical and judicious investigation, the ideas outlined stopped to reflect on a reality that opens up endlessly between the rational and the sensitive. In this way, the image of a classroom that cannot be summarized in terms of measuring the world in solitary rationalities, but open to the totality that excludes nothing, urges in learning by means of completeness / (in) completeness as a movement to search for ourselves and the other.

Keywords: education; sensitive experience; classroom.

Resumen: El presente artículo - *Los nudos en el aula* reflexiona sobre las prerrogativas de una educación abierta a la sensibilidad y al encuentro entre sujetos en el ámbito educativo. A través del enfoque (auto) biográfico, es posible deambular por las temporalidades del hacer enseñanza / alumno, abriéndose a los lugares narrados y la percepción de no linealidad vivencial, evidenciada en sujetos que aprenden juntos. Revisar los espacios-tiempos educativos como lugares de encuentro nos lleva a la multiplicidad interpretativa y vivencial del aula. Desde una investigación teórica y juiciosa, las ideas esbozadas se detuvieron para reflexionar sobre una realidad que se abre interminablemente entre lo racional y lo sensible. De esta manera, la imagen de un aula que no se puede resumir en términos de medir el mundo en racionalidades solitarias, pero abierta a la totalidad que nada excluye, urge al aprendizaje mediante la completitud / (in) completitud como movimiento de búsqueda de nosotros mismos y del otro.

Palabras clave: educación; experiencia sensible; salón de clases.

- Recebido em: 17 de agosto de 2020
- Aprovado em: 17 de novembro de 2021
- Revisado em: 11 de março de 2021

1 Introdução aos nós

Incitados ao autoconhecimento, movemo-nos em (auto)biografia. Docentes, sonhamos sem medo, guiados pela liberdade que nunca se escondeu de nós. Pelas amarrações da vida, encontramos-nos no espaço reflexivo da educação em feitiço narrativo de nós-mesmos nos emaranhados atemporais, na poesia. Uma viagem aos lugares deixados pela razão: retorno à correnteza do rio que nos carrega, sem o medo que nos reduz à instrumentalização dos braços.

Ilustrando-nos em cores espaço-temporais e conhecimento, vivenciamos saberes diversos, unindo-nos na construção poética de uma observação consciente/ (in)consciente dos entremeios às nossas singularidades. Ao dialogarmos, as cenas antecedentes a este corpo narrativo se misturaram, conduzindo-nos à reflexão de uma educação capaz de tornar a sala de aula um lugar de abertura à sensação do todo; à pertença ao movimento da natureza, que é complexo e caótico, imponderável, surpreendente e inusitado.

Vimo-nos uns nos outros e a cronologia não mais parecia nos separar. Indubitável afirmação da vida que se move. Quisemos, pois, uma ação consciente de liberação e libertação dos ligamentos necessários à organização hierárquica do mundo: saída de si para alcance do liberto, da plenitude humana. Da vida intuímos lados, começos e fins, internos e externos, sons e silêncios; multilateralidade e sensibilidade: o toque une os sujeitos e constrói o humano. A maturação é emancipatória; o pássaro voa livre num vento irregular: o humano encontra a si mesmo quando se solta conscientemente no caos. Utopia que vivifica e dor que escorre a lágrima: a grande ave arranca as próprias penas, quebra as próprias unhas e chora a solidão, até que renasçam sua pele e suas penas. O tempo mostra o homem em metamorfose consciente; o não-lugar é anárquico e acessível a poucos sedentos de si mesmos. A paz é filha da dor dos ossos que crescem; a felicidade é o oculto na amargura – educação.

Começos e fins determinados, agora, serão discutidos como possibilidades e não mais como certezas que aprisionam. Almejando a amplitude, guiamo-nos à mistura de nós-mesmos uns nos outros, nos nós que ligam os docentes e discentes que fomos e somos, na busca pelo esvaziamento que preenche. Diluição como além e aquém; transformação e metamorfose nossa à percepção da existência fenomênica que nos abraça. Buscamos, por meio da escrita, libertar-nos e aprimorar nossa presença docente/discente para torná-la, em seguida, substância de novo; água que não some; infindável aparência.

Por conta da nossa opção de pesquisa e escrita, na qual nos debruçamos na abordagem (auto)biográfica, buscamos pistas e efeitos em nossas memórias e narrativas, evidenciando alguns nós da sala de aula. Nossa análise iniciou com a leitura filosófica e poética, atravessadas pelas experiências com a música e a educação, findando-se com a essência do que nos é afetado.

2 O lugar do enlace

O que é a sala de aula? Na multiplicidade do sentido único, o que é a sala, o que é a aula e o que é o pertencimento? Dos sonhos, nossa razão: intuímos o maravilhamento, desenhamos a metamorfose, divagamos sobre o belo na sala de aula. Dos fenômenos, o olhar e a planta; pelos olhos, o dentro e o fora; do tridimensional à sensação; do afeto ao encontro; do encontro ao pertencimento; deste ao incomensurável e ao abstrato. Sonhamos a imagem de nós mesmos diluídos no grande corpo.

O que é sala? Cantos, paredes, cores, mesas, cadeiras, quadro, giz, mapas e ventiladores. Nossos olhos não viam o fundo da sala tampouco o perto, quando em nossas mãos esteve uma antiga fotografia da turma de artes. Era, pois, nossa memória tátil e sensitiva que acrescia à imagem impressa a profundidade e a distância. Nunca vimos a sala em três dimensões, mas a sentimos. Nossa saudade era toque! De olhos fechados, perguntamo-nos o que era a sala? Sensação de distância, frio, calor, arrepio do vento, os perfumes, a vibração dos tímpanos, a apatia e o carinho, os esbarros e as peles. Sentávamo-nos em cadeiras rígidas e as mesas eram frias. Nunca soubemos o que sentíamos mais, se era o braço tocando a mesa ou a mesa tocando o braço. Incorporamos a esquizofrenia, quando perdemos o medo do não-mensurável.

Ouvimos o espaço da sala. O fora se anulava quase de todo, estávamos dentro com vibrações de fora. A sala era interna e externa, porquanto os sons dos corredores se misturavam ao som das mesas e cadeiras. A luz do sol iluminava o quadro; a luz da lâmpada o iluminava também; o ar entrava pelas janelas; nossas vozes ecoavam nos corredores: as paredes não eram o limite. O que era o espaço? Seria ele a composição da carne e da madeira movendo-se de dentro para fora e de fora para dentro? Era o espaço o movimento das cadeiras? Era o movimento um crescimento e diminuição da massa? A sala acontecia? Que vibração é essa que mantém as proximidades e as distâncias?

O que era a aula? Um professor à mesa, aprendizes ao seu redor, canetas quase sem tinta e caligrafia apressada. Findar a escuridão, amarrar os sapatos, apertar a gravata e ajustar a saia: da

boca as palavras ganham sonoridade firme, desejo direcionado e potência persuasiva. Dos corpos fortes e fracos, esguios e pequenos, a forma e a criação se aprende. Evitar as dores e acumular amor: sensação de posse. A aula se abria ao mundo quando voltávamos para casa. Nossos corpos nus e o espelho: do olhar fracassado, aprendíamos a aceitação. A aula não era da sala nem a sala era da aula. Perdíamos a sensação de longe e perto, de fraco e forte, de medo e de coragem, nos rendendo ao maravilhamento de olhar as coisas mesmas, sem julgo nem imposição de cálculos que manipulam.

Mães e pais eram professores; as árvores nos ensinavam; a terra ignorada sujava nossos pés e os pássaros independiam de nós. O que seria o mundo se não um espaço onde se aprende? O que seriam as paredes se não a educação dos limites? O que seria o chão se não o despertar da pertença? O que seria a coragem se não a quebra das paredes, a aniquilação dos limites, a junção entre o belo e o feio, a conexão que torna um só o eu e o outro, a paz de estar na luz e ver a própria sombra, a infundável pertença daquilo que nasce e morre na terra?

A sala de aula era movimento. As paredes vibravam; os pisos vibravam, corpos se enrijeciam, as mentes se tornavam amolecidas. O tímpano sofria, a claridade cegava, ensinávamos o professor, aprendíamos dele. Quando nossas mães viriam nos buscar? Quando terminaria a dor? Por que morreremos? O que fizemos? Por que não temos mais dinheiro nem vontade de lutar? Ninguém nos disse que o tempo não existia; ninguém nos contou que a mesa não existia; nenhum colega sabia as origens do rio, enquanto outros nem o enxergavam. Nossa saudade ganhava corpo: a falta de nós mesmos nos forçava a refletir; a dor era uma faca de vários gumes! O ciclo da existência religiosa, intelectual, parada e misteriosa; o movimento da matéria; o social como rio; a morte e a nascente de águas cristalinas. A terra era a parede e nossos corpos; o rio era o vento e nosso desejo; a morte estava em tudo; os opostos se tocavam e o todo acontecia; éramos levados e não nos demos conta; éramos o empuxo e não nos demos conta; O outro era nós mesmos e não quisemos saber. Dentro e fora eram nossas percepções e não havia nada que não fosse o rio.

3 O tempo em nós

Conversávamos sobre nossas infâncias. Algo de nosso corpo e mente infantis subsistiram ao tempo? Entregues à horizontalidade das horas, divagamos sobre uma linha imaginária que unia os sujeitos que fomos até o presente. Contudo, desistimos das definições unívocas e nos

dedicamos à visão dos fenômenos. Havíamos sido muito mais do que pensamos - intuímos. Cada fração de nossa existência se projetava em linhas diferentes da racionalidade cronológica. Sonhávamos em ser astronautas; chorávamos pelo medo de um potencial ferimento; construíamos bolos de chocolate na lama; dávamos existência a bonecos. Primeiramente, racionalizamos o presente como idas e vindas ao passado e ao futuro; por conseguinte, construímos um imagético com linhas perpendiculares; hoje, na pesquisa, sonhamos novas direções quando em encontros do eu com o outro: a rizomática percepção de um monismo permeado pelo vazio e pelo maravilhamento dos que se diluem.

O tempo, agora, é desejado como substância em relação consigo mesma, assim como sentimos o processo de aprendizagem. Nosso anseio se fortifica na percepção da metamorfose da grande massa existente, fenomênica, afetiva e racionalizada. Que o indescritível não mais nos ponha cabisbaixos nem paralisados pelo medo, mas nos levante ao sentimento de pertença ao corpo, de responsabilidade em processual e infindável (auto)formação monista, na busca por uma relação de vida-morte transformada em paz e familiaridade como resultante alquímica.

A sala de aula é tempo e espaço. Ela existe amolecendo a própria existência. Porquanto apaga os contornos do eu e dos objetos, abre espaço ao desenho, encontrando na mão solta a liberdade de cada sujeito. O cimento nas paredes deixa o som entrar, deixa o calor e o frio entrarem. A parede é terra como eu e como o outro; é pele feita de oxigênio e peso; não separa o fora do dentro nem o dentro do fora. A sala de aula é espaço de desconstrução das ideias que aprisionam e dos desejos que torna física a apatia. O lugar do aprender é movimento que não cessa, é espiral e encantamento; sonhávamos...

4 A metamorfose da sala de aula

Uma planta nasce; a chuva e o vento a levam. Nunca houve solidão para ela. Desconhece a dor da perda; nunca possuiu nada, tudo passou por ela. A seiva que corre seus espaços e a lágrima que lhe escorre pelo tronco na juventude não doem as ausências das folhas ao chão; a terra é a planta e o rio, a umidade e a secura. Paredes são construídas: tijolos e cimento sobre o sonho num projeto civil. Ideário de formação construído com a própria terra: infelizmente, por vezes, enlouquecemos. Como podemos limpar a poeira de nossos pés antes de estudar a terra em livros? Estes são feitos do pó e nossas mãos também. Pudéssemos sentir o suor dos livros, a vida encheria nossos pensamentos tanto quanto enche nossos pulmões e nossa mente.

As portas foram pintadas em cores alegres: dizíamos quão importante é a alegria do dia, mas nos separamos dela – doce esquizofrenia! A sala de aula é a mata e a planta: ela se move de dentro para fora e vice-versa. Não há linearidade para si mesma - ela não existe: sons, cores, falas, vidas, movimentos, ondas, conhecimento como transformação: o que esperaríamos de um útero? Levamos os estudantes para fora. Registramos momentos de imersão na terra. Esquecemos do tempo a mover as paredes e as cadeiras da sala; não percebemos a vida nas cores das roupas e nas capas dos livros, nas vibrações sutis. Nunca houve nada imóvel. A sala se move no tempo, assim como nossos ossos. A planta é o próprio espaço. A realidade nos passa despercebida e a aprendizagem não necessita tantas palavras.

5 A natureza dos nós

Detemo-nos em minúcias interpretativas atreladas à palavra sentimento, que permitem a imaginação de um todo que não compreende em si limites demarcados. Nossos amigos de escola; querendo vê-los novamente, a saudade nos afeta. Silenciamos-nos em caminhos imagéticos no ímpeto de aprender o encantamento do encontro e, para sentir os nós na trama do tempo, narramo-nos.

Divinização de um eu-imagem, porquanto estivermos na posição daqueles que exclusivamente assimilam, sintetizam e se encolhem à mensuração de si ao invés da expansão do olhar. Expansão dos nós quando nos diluímos no outro multiplicado, que não se resume à individualização maléfica conhecida por quaisquer andantes destas terras. Falamos dos outros, quando falamos de nós. De olhos fechados, intuir os caminantes, não os objetificando em seus caracteres aparentes nem os separando de nós-mesmos. E narrar a sala de aula do passado, reconstruindo-a neste movimento de palavras que nos abrem à sensação de uma temporalidade turva, como se nos mirássemos num espelho côncavo embaçado. Não mais linhas temporais nem divisões cronológicas como afastamentos: seremos lidos como multidão e não mais como eu-mesmos que fingem se tocar. Não almejamos nomeações a não ser aquelas em que nos sentimos parte do corpo do mundo, pois, existindo/inexistindo – lembrando-nos de Sartre (1943, 1970) -, diluímo-nos no rio da vida.

O que é o dia? Imergidos numa experiência rasa de mundo, caminhamos às cegas, fingindo consciência numa aparente separação do fazer que nos ocupa, ao ponto de assumirmos as distâncias que nos separam uns dos outros. Por isso, fugimos ao intento de narrar eu-mesmos

unívocos, colocando nas mãos de quem nos lê a oportunidade de interpretação dos nós multiplicados. Um querer é narrado nas entrelinhas silenciosas desta escrita: esvaziamo-nos em palavras abertas. O esvaziamento abre espaço à entrada de quem nos lê/sente e este se liga aos nós também. Não mais palavras que objetificam, mas fenômenos grafados que se ampliam e se derramam: sensação de pertença ao movimento goethiano de metamorfose/vida (GOETHE, 2009).

Desde as materialidades que usávamos em sala de aula – cores, formatos, dimensões e espaços – às infinitas imagens de nós-mesmos distribuídas em uma linha reta do tempo, permitem-nos agora abstrair o sensível incomensurável que atravessa nossa experiência educativa, na construção de sujeitos que existem e inexistem. Diríamos eu-mesmo apenas como unidade pertencente a um todo, porquanto protestamos à pequenez do discurso que subtrai este eu/singularidade da presença no mundo.

Os nós emaranhados nos guiam à imagem de uma educação para a sensibilidade como retorno à natureza, não resumível a parâmetros dicotômicos rasos, mas observante do caminho de volta ao ser do mundo, à natureza. A existência urge dentro dos nós que se fortalecem contra uma realidade empobrecida de significados. Voltamos à infância para justificar encontros/(des)encontros que se banham nas águas da experiência/vida, em um despertar da presença, numa emancipação da vida (KEIM, 2011, 2017).

Agamben (2008) narrou vias de retorno às coisas mesmas. Em palavras que gritam aos olhos do leitor, tentou acordar aqueles que, bêbados do cansaço de um dia exaustivo e não mais reflexivo, dormem profundamente. Hoje, sonhamos com essa docência que não se fecha à organização social hierárquica, mas se manifesta alarmante em um grito narrativo para a consciência da vida do todo, carecida não mais de um núcleo duro que nos uniformiza, mas de um conatus puro que se move, de um spinozismo que nos devolve à terra (SPINOZA, 1983).

Sonhamos uma educação que nos abrace num empoderamento dos encontros que não compreendem a perda do eu na imensidão dos nós, mas que revela a força dos entrelaçados eus constituídos na multiplicidade (MEIRA; PILLOTTO, 2010). Unir este eu ao outro e somando os nós onde o fenômeno do todo se abre, vislumbrar uma realidade que não perde nem esquece nada, mas soma, cria e recria. Portanto, a sala de aula como adição que não compreende aprendizados enciclopédicos em detrimento do elo entre o eu e o mundo.

Docentes que somos, narramo-nos como os nós de uma malha que enlaça a todos, em que a disputa e a separatividade é empobrecida e ilógica, pois só há a soma e nunca a exclusão. A dor do outro é a minha dor; a felicidade dele é também a minha: braços de um mesmo corpo. Nem mesmo a morte nos separaria nesta realidade que nos permitimos imaginar. As vidas que se diluem nunca fenecem, ainda que inexistam, mas se transformam em movimentos metamórficos que criam extensões de uma mesma vida. Por isso, admitimos os elos entre nós não mais como oportunidades utilitárias, mas encontros sensíveis (MEIRA; PILLOTTO, 2010). Neste lugar, diluímo-nos no rio da vida, onde a natureza se move nela mesma e encontramos nossa juventude nas memórias de quando líamos o personagem de Goethe (2010). Misturando-nos neste, imaginamos, assim, uma educação sensível por meio de sua vida, de sua experiência de observação do movimento das águas.

A saudade de quem éramos no tempo de escola é saciada agora, ao passo que revisitamos a obra de Goethe (2010). Lendo-o, refletimos a sensação de estar no mundo, abandonando-nos ao arrepio existencial quando olhamos para Werther, homem maduro que deixou o ordinário para se sentir parte de um todo simplificado no cotidiano do outro. Ir daqui para o passado e vir de lá para cá parece-nos um movimento de toque, ao modo de Heidegger (1977, 2005) observar o ser temporal único em suas partes que se relacionam num todo fenomênico. Este exercício de idas e voltas faz-nos sentir diluídos na vida do mundo, em encontros/desencontros acordados que misturam as temporalidades retilíneas e as percebe rizomáticas pelo olhar de Deleuze e Guattari (2011).

Werther imerso em si mesmo, sofrendo o peso da consciência de si, da parte/lugar do eu mesmo que se olha de fora. Um claustro da sensação de submergir-se em si, numa experiência ambígua de aprisionamento e liberdade, dor e alegria, vida e morte, vontade e estagnação e um eu como entremeio. Seu eu como movimento conjugativo das partes e lugares formadores de mim: eu como enlace e conjugação. O frio de um centro aparente com o dever de apaziguar o movimento inusitado das apreensões de si. Eu-mesmos como elétrons a contornar um núcleo; este como observador de outros eu-mesmos imagéticos que também sentem a presença dos moventes. Já dizia um professor nosso: - eu-tornado, quando os ventos se encontram, atuando ferozmente uns contra os outros, criando movimentos circulares. Rememorando, visualizamos sujeitos dedicados à apreciação da vida. Assim, sentimo-nos e queremos nos mover.

Em Werther, desejos e sonhos iam se concretizando em um novo lugar. Imaginamos o que ele experienciou: o vento, os aromas da cidade, olhos fechados e quietude interna. A sensação de se derramar no movimento das pessoas e sentir-se parte da dor e da alegria do dia, permitia-lhe afastamentos de um si-mesmo fechado. Quisemos também ser Werther, porquanto Werther queria ser ele mesmo diluído no entorno a si. Almejando sentir para se situar, vendo-se não mais oco, mas um ser de encontros e desencontros em movimento, ele silenciou; entre toques como localização de diluição na vida e na morte do mundo. Derramamo-nos em Werther e os nós se ampliam às vidas em torno a ele. Nossos corpos se tocam lá, aqui e em todos os tempos.

Vimos nos tornando docentes, ao experienciar o mundo pelo olhar dos presentes em sala de aula. Quantas vezes quisemos deixar o lugar de ensino, quando cansados, retornamos às nossas casas. Entretanto, iniciação sem regresso e imersão na (auto)descoberta diária no olhar do outro – alteridade pura, quando nos movemos conscientes ao encontro de quem nos espera.

Também quisemos correr pelas utopias de transformação e metamorfose do mundo, por meio do fazer docente, olhando para a natureza que nos fala de inúmeras formas. Num momento descontraído de intervalo entre aulas, lembrando amigáveis juvenis, um estudante nos perguntou sobre a bondade divina. Silenciosos ficamos. – Professor, se Deus criou tudo e ele é bom, por que há homens maus? - Por mais que uma resposta respeitosa e permeada pela sensibilidade pudesse ter saído de nossos lábios, nenhuma palavra resolveria racionalmente aquela questão. Entretanto, fixou-se em nós a reflexão do movimento que não termina e da separatividade; do eu e do outro distantes um do outro: por que haveríamos de temer as sombras?

Dicotomias... E se escrevêssemos e ao invés de ou e assumíssemos os (entre)lugares como movimentação? De olhos fechados, criamos uma educação sentida: apreensões de eu-mesmos não facetados, mas amadurecidos e conscientes, diluídos nos nós que abrem espaço/lugar à alteridade imaginada.

6 Os nós da sala de aula

Temos nos dedicado à sensação do todo; desejo nosso. Como escapar ao solipsismo que nos afasta, sem nos esquecer da maturação advinda da sensação de fechamento do ego? Ricoeur (1976, 2011) acreditou na abertura ao mundo como caminho contrário à redução solipsista, na presença do outro e na intersubjetividade – tornamo-nos husserlianos também, sem o medo dos que padecem às fechaduras dos si-mesmos não abertos. Quem somos nós, senão outros? Quem

são nossos pais senão os primórdios de uma mesma planta que cresce; morre; transforma-se e renasce – metamorfose como movimento? (GOETHE, 2009; KEIM, 2011, 2017). Quem são os outros senão a própria rítmica do mundo? Em inúmeras interpretações, desde os aristotelismos à intelectualidade hodierna – as vibrações nos acompanham, como se estivéssemos diluídos num rio sonoro (SCHAFER, 1977, 1991).

E a imanência spinozista nos guia ao movimento interno. Abraçamo-nos todos, imanentes na percepção de que o inexistir permeia um corpo que é físico e não-físico, positivo e negativo, bondoso e maldoso: liberdade; sentimos. Imagetivamente, quisemo-nos não condizentes à separação entre bons e maus, quando uns merecem viver e outros morrer como resultante de seus atos. Entretanto, não excluimos as dicotomias, mas pensamos um mundo unido por entremeios.

Como não sentir os nós? O estudo para a intelectualidade; a intelectualidade para reconhecimento da sabedoria; a sabedoria diluída no todo; o estudo para a ação e para o retorno ao todo; o retorno como movimento turvo que não se limita a lugares fixos; a diluição como àquela terceira-via não-resumível à binariedade e à dicotomia epistemológica. Numa educação que nos incita à totalidade, seríamos tudo e nada, aparecendo e desaparecendo e todos os nascentes/morrentes seriam nós-mesmos.

Quisemos tocar as estrelas, catalogar o universo, calcular os além-universos, multiversos; sofremos a ansiedade das horas. Nunca saímos: sensação progressiva de estar dentro. Mundo invertido: olhamos para dentro e a pequenez se amplia à incomensurabilidade. Sempre incluso: experiência epistemológica de imersão. Imaginamo-nos mensurando coisas ao lado de fora: doce e amarga esquizofrenia.

À intersubjetividade/alteridade como liberdade de estar dentro nos dedicamos. Quisemos, por vezes, aproximações e distanciamentos. Encontramos atributos similares em pessoas de aparências distintas. Partes de nós-mesmos nos outros e partes deles em nós: as ancestralidades e os relacionamentos, que não se prendem aos lugares fixos, revelam-nos unidos enquanto separados. Por uma sala de aula que se abra à experiência de todo, não fadada à cegueira unívoca que nos resume à produtividade, resistimos.

Num intervalo entre um período de aulas e outro, um dos docentes afirmou: - os alimentos nesta mesa estão vivos! Trazem em si a vida de outras pessoas! De todos os frutos criativos surgidos daquela frase, as letras se sobressaíram. Pensamos que o alfabeto é disposto em ordens específicas em cada idioma, mas que os agrupamentos das letras na formação das palavras diluem

a organização linear alfabética, buscando a materialização sonora e grafada de significações e sentimentos nossos, como aprofunda Ricoeur (1976, 2011). Assim, formando a palavra casa, vemos certo magnetismo agrupando as letras na formação das sílabas ca-sa e, por fim, a palavra completa.

Forças de aproximação e de afastamento; movimentos; entremeios como magnetismos em rítmicas de inclusão e de afastamento; este último como distância e não mais exclusividade. O todo em tudo e em suas próprias partes - lugares. Epistemologia atrelada à docência e à discência em movimento metamórfico revelado em fenômenos; doce e amargo da diluição de nos abandonar ao movimento constante da vida; vivos. Sentimos.

A abordagem (auto)biográfica nos possibilitou a narrativa de nós mesmos no jogo de palavras e sentires, em que no “dizer si não é dizer eu”, pois esse si “implica o outro além de si”, ou ainda, “a si próprio como outro” (RICOEUR, 2011, p. 6). As análises estiveram presentes nas leituras filosóficas e nas articulações dessas com experiências rememoradas. Os revisitamentos aconteciam enquanto movimentos no pesquisar e pesquisar-se, pois éramos nós com nossas experiências em educação que alimentávamos nossa realidade e imaginário.

Nossos conhecimentos emaranhados se diluem na imensidão do todo. Admitir a infinitude da experiência sensível que não se limita à cientificação que nos apequena é também liberdade e insurreição (MEIRA; PILLOTTO, 2010; KEIM, 2011, 2017). Interpretações como realidades imaginadas; um livro escrito como fenômeno revelador de quem o escreve e o lê; os sujeitos imersos no corpo do texto; diluição como imersão; finitude e infinitude móveis e imóveis; lugares dicotômicos como rizomas; o trigo inerente à metamorfose do pão.

Ainda naquele intervalo, quando nos dedicávamos ao diálogo entre docentes, o cronológico se abriu ao kairós, permitimo-nos vagar pela abstração numérica também. Não apenas o zero ideal/imaterial aparenta se diluir no todo numérico, mas, também, os entremeios que conjugam o 1 e o 2. Perguntamo-nos ali: como temos nos posicionado em sala de aula? Infinitude divisiva e realidade aparentemente não-finita. Linhas retas como interpretações resultantes do nosso intento organizacional da vida. Percebemo-nos mensuráveis e incomensuráveis. Damos nomes aos bois, mas mal os observamos. Quietude como retorno: havia, em primeira instância, a montanha; nós a vimos e a batizamos, mensurando-a; sentamo-nos em frente a ela e silenciámos; a nomeação desapareceu. Os caminhos da subjetividade e da

intersubjetividade como retorno à quietude e ao maravilhamento; o retorno como abertura ao movimento não dicotômico; a diluição como movimento interno; a natureza movente: a terceira-via.

Almejamos uma experiência consciente do tempo também, por isso escrevemos. Em que lugar estávamos a dialogar sobre letras e números? Juntos numa reunião do corpo docente? Durante as conversas, alguém disse que aquela manhã havia passado depressa, enquanto alguns outros manifestaram certo cansaço pelas aulas terem sido longas e exaustivas. Ouvindo essas falas, divagamos sobre a temporalidade da sala de aula.

Naquelas falas, os professores trouxeram experiências temporais distintas para uma mesma espacialidade – a sala de reuniões. Refletimos sobre a temporalidade cronológica como aquela que separava o mesmo espaço, com as mesmas pessoas, dividida em frações de tempo e de espacialidade experienciadas como fenômenos distribuídos horizontalmente no tempo.

Por conseguinte, detivemo-nos a pensar sobre as diversas percepções de um mesmo fenômeno espaço-tempo, haja vista a variedade de indivíduos presentes num mesmo lugar/espaço-tempo físico. As facetas fenomênicas não eram mais unicamente lineares distribuídas numa horizontalidade temporal, mas também estavam - imaginamos - em expansão para todas as direções: para traz, para frente, para as transversalidades, para dentro e para fora. Cada sujeito a experienciar a mesma sala de aula física a percebia de forma diferente, revelando-a múltipla em suas possibilidades de existência no olhar de quem a vê. Quem éramos nós ali, se não um mesmo corpo físico e imagético em suas possibilidades incomensuráveis. Como não nos apegar a nós-mesmos?

7 A roda da educação

Nossos filhos saem de casa tão cedo quanto gostaríamos, embebidos dos sonhos criados na escola. O útero, agora é o mundo e a prole nos deixa a não-palavra. A sala de aula acontece quando entramos no movimento da grande mente do mundo: há uma cíclica que nos empurra para dentro e não nos solta. O espaço dos aprendizes se constrói no movimento: há uma fuga dos medos e uma ânsia pela luz. A claridade, porém, exige de nós a visão das sombras e do contraste. A própria sala nos ensina na projeção da luz sobre a madeira.

Sáímos todos de casa, no caminho da grande inclusão: os sonhos individuais se ampliam pela mistura no coletivo. A sala de aula acontece pelo mover das mentes e da grande massa que

pensávamos ser distinta de nós mesmos. O sujeito se move para a educação e esta se volta para ele. De casa se leva a vida: desejos e sonhos diluídos em experiências rememoradas. O alimento que acabara de ingerir, as meias que vestiu nos pés, a conversa jogada fora e a agenda preenchida de afazeres o formam; o entorno constitui seu corpo e sua mente. Ele todo é movimento em busca de mais movimento.

Em direção à sala de aula, seus pés doloridos o lembram da obrigação do suportar. Ele precisa crescer como a planta em frente à porta de sua casa; ele precisa florir como o lírio da estrada; almeja amar como quem nunca amou e se constituir único em meio à grande massa. Suas ilusões o corroem e, ao entrar em sala, sua dor passa do pé para o rosto e o sangue circula mais rápido. Os olhares o comem e os cumprimentos o agradecem. Ele se dá por completo na roupa que veste e nos livros que carrega; entrega-se nas conversas e nos afazeres da turma, mostrando-se solícito ao mover a grande massa. O afeto é retribuído conforme o corpo se entrega. Do pertencimento à casa ao pertencimento à sala de aula.

No espaço dos aprendizes, múltiplas realidades são trazidas por diversos corpos e mentes. As forças do movimento de saída se potencializam no encontro, anulam-se aos poucos e se transformam quase de todo. Da memória, outras pessoas; das roupas, outros seres; da fala, um vasto vocabulário; dos corpos, a carne dos seres. A sala se torna um corpo novo: os ossos e os olhos sustentam o toque e a sobreposição de realidades - torna o monismo percebido de novo. As percepções variadas da mesma parede destroem a objetificação dos tijolos, que se tornam terra de novo, corpo vivo e nunca parado.

O plano de ensino é vibração direcionada e intuída pela grande massa. As direções planetárias são movidas em conjunto, não se limitando à multilateralidade e não resumem no tempo. Algo está nascendo enquanto morre; a massa se descobre enquanto vibra e a consciência nos parece sabedoria adquirida de vastas experiências do corpo único.

Ao término da aula, retornam para casa os aprendizes. A virada acontece no dever de levar embora o aprendido, de incorporar à casa o novo movimento metamórfico. A caminhada faz os pés serem sentidos, a terra ser modelada e o vento ganhar novo curso. As roupas úmidas de suor guardam a devolutiva: o rio se altera por completo. Os novos corpos se afirmam; os seres de casa agora entram em nova mutação pelo toque do outro e pela fala aprimorada. O idioma deixa de existir, enquanto se transforma em sentimento silencioso. No dia seguinte, o movimento da

sala de aula se repete e nos instruímos de novo. Movimento de roda que não cessa; infindável imaginação da presença.

8 O caos dos sujeitos

Movendo-nos sentimos; a maturação nos atravessa e guia à dor da fragmentação dos egos. Aparente pluralidade nossa, sim! Nunca houve nenhum nó, tampouco um nós. Até mesmo o discurso sobre o entrelaçamento dos sujeitos nos é prática pedagógica. Intuímos a necessidade de ensinar os ligamentos/nós, mas nunca houve nenhum nó e nenhuma sala de aula. O lugar como limite; este como linha epistemológica; a sala como fecho. Sim à quebra de paredes imaginárias; não à abertura simplória de janelas pequenas.

O eu como sala limitada composta de um espaço limítrofe. Assim, o discurso sobre os entremeios se mostrou necessário. Pensamos os (entre)lugares abrindo-nos ao toque/movimento vibracional do dito eu ao dito outro. Contudo, há limite à singularidade? Não se dilui o eu num rio sem forma? E se nossos olhos estiverem condicionados à organização do caos externo e interno, mesmo nunca havendo dentro e fora? Tremeríamos?

Toda nossa poesia é quebra; toda nossa fala é inconclusiva; toda nossa dor é alegria; toda palavra é movimento sem forma. A dor não é o perder-se; a alegria não é salvar o eu; o movimento é beleza e a graça está além do riso.

Uma árvore à nossa frente: o barulho do vento movendo as folhas e as folhas mudando o vento. O cheiro do verão e a dor do pé cansado; deitamo-nos à sombra das folhas. Nossa carne sente o frio da grama e as cócegas aos toques sutis dos insetos sobre a nossa pele - lágrimas vêm porque se sente. A vida sempre doeu em momentos de cegueira; o vislumbre nos emudecia. Sentimos saudade de nós mesmos nas cascas do tronco, no fundo da terra e no orvalho das flores.

Como não chorar a saudade do mundo? Como não sentir a saudade utópica de uma vida sem limites, de uma pureza sem nome e de um movimento que não termina? Como não chorar a ausência do instante em que nos abrimos ao infinito contrário à linearidade do ponteiro? Agora, deitados, sentimos a vida que se expande em direção contrária à ilusão horizontal do tempo. Nossos corpos se alargam à vibração das flores e às cócegas que sentimos. A fragrância não dura no tempo, mas vibra infinitamente no espaço. Cheirando a terra, sentimos toda a vida do universo e nos tornamos vida. Nunca morreremos em direções contrárias à horizontalidade do relógio. Tudo sempre foi toque; fomos sempre diluídos na alegria disforme.

Escrevemos os eus e os nós, por quererem-nos professores observantes da terra. Nunca houve e nunca não existimos. A vida nos move, mesmo que não a olhemos. A educação acontece, mesmo quando não existem palavras: a poesia; o tácito; a educação.

9 A mônada e o aprendiz

Sou eu em um sonho. Meus pés tocam o chão. Estou de olhos entreabertos: a luz entra na sala, o frio está nas paredes. Minha cama ainda está aquecida e me preparo para andar. Reservo dez mensurações do relógio para isto; observo-me. Há um meio de entrar e outro de sair, invisível. Há uma paz que posso acessar e uma fome a ser saciada. Vejo o chão e o tapete, a janela e a cortina escura. Dormi um pouco a mais e a culpa agora me atrapalha; o mundo gira, o rio desce, os peixes lutam, os troncos descem e as pedras se desgastam. Há pouco eu sonhava com um prato de comida; há poucos instantes acordei faminto. O sonho é o olhar; o dia é o olhar, porquanto balbucio poesia.

O que é tudo isso? O que aprendo e o que me torno? O que é meu respirar? Sou eu quem inspira ou é o vento que me invade? A dor me comove e a alegria me excita. Preciso ir ao mundo e devolver meu fôlego, abraçar as crianças e alimentar os gatos. Nesse vem e vai que não se finda, na fuga de algo que não nos persegue, intuo esconderijos e choro o que me falta. Olho o mundo e o mensuro por medo, organizo o dia por receio do não-controle. Encontro amigos pela sede de um rio invisível e escrevo metas para o nada.

Levanto-me da cama. Ando em direção à cozinha. Há uma fala vinda de fora. Saio de casa e anseio retorno, sem saber para onde. O dia é tão turvo quando o próprio rio. Que costume é esse de apelidar os bois? Sinto que desfaleço à cada amargura, mas que renasço num outro que se alimenta de mim. O fora é incomensurável, se não for medido. A não-palavra é minha companheira e meu estômago: prefere se alimentar do mundo e devolver em movimento a vida consumida. Quanta dor e alegria tem o mundo do olhar. Quanta paz e beleza adquire aquele que se desmancha e se torna água. Por que não nos ensinaram a seguir o fluxo e nos alimentar do próprio choro? Por que não nos ensinaram que a virtude e a culpa são nossas? Onde está meu pai e minha mãe, meus professores, se só vejo árvores e pássaros? O complicado é o mais simples e o difícil é o mais delicioso prazer. O dia não se define e eu não me defino. Eu e o outro são olhares que não entendem a própria cegueira. O mundo não é externo nem eu sou interno. A massa é indefinível e o dia nunca se permitiu mensurar.

10 O silêncio dos laços

Das experiências expressas, o parto do eu diferente se aproxima. Um novo fenômeno nosso; uma nova pele que nasce, já que os órgãos de dentro são outros. De tanta palavra e poesia, desenvolvemos a fala e o pensamento pelos sentidos. Nossas mãos, porém, anseiam um trabalho braçal duro; a construção de uma dialética de tijolos e massa. Como seria um ambiente formativo não dicotômico, na desenvoltura de um humano não dividido, mas consciente de sua constituição de luz e sombra?

Das nossas mãos a força na construção; da nossa ideia a mente no projeto; o nosso coração a guiar a obra; a descoberta de um outro lugar como utopia nova: um chão que possa ser sentido como energia além de estudado como estrutura; uma gravidade trabalhada como magia, além de ser analisada como barreira. O sonho da criança renasce em nós de um enlace novo. Entre tantas divagações, uma verdade: a consistência do sonho e a consistência do real. Que nossos pais não tenham mais um único nome nem nossos filhos sobrenomes; que nossa terra não mais tenha divisórias como nossas mentes que deixam aos matemáticos a responsabilidade do cálculo. Que vençamos a dor com ferramentas diferentes das já usadas e que nosso corpo se cure com remédios nem sempre mensurados em laboratório. Que percamos o medo da solidão, pelo entendimento de que nada poderia estar distante de nós. Que o silêncio seja nossa palavra e idioma por excelência.

Nossos sonhos não condizem com nada que não seja livre construções sólidas. Nossa poesia não se define nem a cientificidade deste trabalho. Eu sou os outros, porquanto eles são os mesmos que me leem; os outros são a terra e a água e a rima. A poesia nos salva da morte às cegas; as cores e o tato nos salvam da lágrima resumível à manifestação externa da dor; nosso aprender não é querido por nós como meta nem direção à uma linha de chegada.

11 Desfechos (in)conclusivos

Se nos dedicarmos à abertura da sala de aula por um viés ontológico, que não exclui os planos de imanência e transcendência nem qualquer outra interpretação de mundo, é possível perceber que este caminhar aberto se torna uma terceira-via do conhecimento humano. Para além das dicotomias postas e pouco pensadas/refletidas, seria a sensibilidade a insurreição que buscamos para a educação de nós-mesmos? Abertos, podemos adentrar à uma realidade

imagética da existência como múltipla e singular. A sala de aula como um corpo em expansão e não mais reduzida à reprodução de sistemas dados, mas aos processos de criação e à construção de novos rumos para nós, sujeitos no mundo.

Se nos imaginarmos partes de um todo corpóreo em infundável movimento metamórfico, abriremos espaço lugar à visão do belo não resumível à dicotomia bem e mal. A sala de aula como espaço-tempo/lugar da criatividade que nos sensibiliza e responsabiliza pelo outro que já não é mais um estranho, mas um eu-mesmo mergulhado/diluído nos nós. Docentes em deiscências; somos sujeitos.

Certa vez, uma vivacidade estranha nos tocou. Líamos Rosa (2019), quando nossos pés pareciam não mais pisar o chão. Um menino que cresce e se torna parecido com seu pai. Nascemos, crescemos e aprendemos da vida enquanto existimos nela. Há um medo estranho que nos acompanha durante esses poucos dias que chamamos vida: trememos por recear a perda dos dias; trememos quando não mais suportarmos viver; entramos em sala de aula e percebemo-nos buscando um equilíbrio que possa orientar aqueles que estão vindo ao mundo. Entretanto, na intimidade das conversas internas, almejamos a saída desse labirinto escuro, maravilhoso e amedrontador. Percebemo-nos fortes até demais, quando em sala de aula a guiar aqueles que recém vieram para cá.

Pesquisar e pesquisar-se fez/faz parte de nossas vidas. Falar de si e falar do outro, está vezes silenciado em nós da sala de aula, que necessitam ser desatados para tornarmos a atá-los com sentidos, significações e desejos. A (auto)biografia narrativa potencializou nossas memórias auto reflexivas, deixando frestas para a reinvenção de uma educação com nós de sensibilidades.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e história**: destruição da experiência e origem da história. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011. v. 1.

GOETHE, Johann Wolfgang von. **Os sofrimentos do jovem Werther**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

GOETHE, Johann Wolfgang von. **The metamorphosis of plants**. Introduction and photography by Gordon L. Miller. Cambridge: The Mitt Press, 2009.

HEIDEGGER, Martin. **A origem da obra de arte**. Lisboa: Edições 70, 1977.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Lisboa: Edições 70, 2005.

KEIM, Ernesto Jacob. **Educação da insurreição**: emancipação humana, ontologia e pedagogia em Georg Lukács e Paulo Freire. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.

KEIM, Ernesto Jacob. **Bloco 5**: Temas pontuais e teóricos (extraídos das apresentações blocos 1, 2, 3, 4), Apresentação 5.9: emancipação humana e da vida planetária. Paraná, 2017. Disponível em: <http://profjacob.com.br/bloco-5/>. Acesso em: 11 set. 2020.

MEIRA, Marly; PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. **Arte, afeto e educação**: a sensibilidade na ação pedagógica. Porto Alegre: Mediação, 2010.

RICOEUR, Paul. **Ética e moral**. Covilhã: Lusofia, 2011.

RICOEUR, Paul. **Teoria da interpretação**: o discurso e o excesso de significação. Lisboa: Edições 70, 1976.

ROSA, João Guimarães. **Primeiras estórias**. 16. ed. São Paulo: Global, 2019.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Paris: Les Éditions Nagel, 1970.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. Petrópolis: Vozes. 1943.

SCHAFER, Raymond Murray. **O ouvido pensante**. São Paulo: Editora da UNESP, 1991.

SCHAFER, Raymond Murray. **The tuning of the world**. New York: Knopf, 1977.

SPINOZA, B. de. **Ética**. Seleção de textos de Marilena Chauí. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.